

O LEGADO ESTÉTICO DA COLONIZAÇÃO ITALIANA NO SUL DO BRASIL

El legado estético de la colonización italiana em el sur del Brasil

RAQUEL ELEONORA SOUZA
Universidade Feevale.
Especialista.
raquel707@gmail.com

Resumo

Sabe-se que uma sociedade sofre a influência de diversos fatores, entre eles, da cultura dos povos que a formaram. A colonização foi um dos processos que definiram a formação da população no Brasil: europeus migraram para várias regiões do país a partir do século XV, mesclando-se com a população local, e ali fixaram-se, deixando um legado de grandes proporções que apesar do advento da globalização, perdura na atualidade e influencia fortemente as novas gerações. No Sul do país, especificamente na região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, a colonização foi preponderantemente do povo do Norte da Itália, a partir de 1875, que ao buscar melhores condições de vida, ali se desenvolveram através do trabalho árduo, criando uma região próspera que se destaca através de setores como a indústria e a agricultura. Este texto procura analisar a herança cultural deixada pelos italianos nesta região, entendendo que ela se evidencia, principalmente, através da arquitetura, artesanato, agricultura, e vestuário, sendo que este referencial estético se mantém e pode servir como fonte de inspiração para a moda atual, especificamente traduzida em uma coleção de estampas.

Palavras-chave

Colonização. Europeus. Brasil. Herança Cultural.

Resumen

Se sabe que una sociedad está influenciada por varios factores, entre ellos, la cultura de las personas que formaban. La colonización fue uno de los procesos que de finen la formación de la población en Brasil: los europeos emigraron a diferentes partes del país desde el siglo XV, mezclándose con la población local, y allí establecieron, dejando un legado de grandes proporciones que a pesar del advenimiento de la globalización, perdura hoy y influyen fuertemente en las nuevas generaciones. En el sur, específicamente en el nororiental estado de Rio Grande do Sul, región, colonización se debió principalmente a la gente del norte de Italia, a partir de 1875, que la búsqueda de mejores condiciones de vida, no se desarrolla a través del trabajo duro, la creación de una región próspera que sobre saleen todos los sectores, como la industria y la agricultura. Este trabajo analiza el patrimonio cultural dejado por los italianos en la región, al darse cuenta de que ella se pone de manifiesto principalmente a través de la arquitectura, la artesanía, la agricultura, y la ropa, y este marco estético permanece y puede servir como una fuente de inspiración para la moda actual traducido específicamente en una colección de impresiones.

Palabras clave

La colonización. Los europeos. Brasil. Patrimonio cultural.

INTRODUÇÃO

A colonização da região Sul do Brasil por povos europeus e, especificamente por italianos que se inseriram na região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul em torno do ano de 1875, é um tema de grande relevância para que se entenda as origens da sociedade daquele local. É inegável que esta etnia teve papel fundamental no desenvolvimento da região, e seu legado de vastas proporções ainda hoje é preservado, evidenciando-se de diversas formas: através da arquitetura popular e suas características, na cultura agrícola, cujos produtos são fortemente comercializados nos dias atuais, no artesanato típico italiano, que além de servir como fonte de renda, pode ser referencial para produtos de moda. Além disso, hábitos, usos e costumes, apesar da miscigenação sofrida ao longo dos anos, se mantêm preservados e valorizados por muitas comunidades locais. Embora o processo da globalização tenha atingido com força todas as regiões do Brasil, esta cultura e os produtos que dela se originaram continuam fazendo parte da vida dos moradores locais, sendo muitas vezes, seu meio de subsistência. Analisamos como esta herança por eles deixada e suas referências visuais podem ser transformadas em produtos de moda, e servir para a elaboração de uma coleção de estamparia.

ANÁLISE DA LITERATURA

É de suma importância, para entendermos a formação da sociedade brasileira, que saibamos que ela foi constituída, além das etnias locais, por colonizadores oriundos de várias partes do mundo, principalmente de países europeus. O Sul do Brasil, recebeu basicamente portugueses, alemães e italianos, sendo que a região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1875 e 1914, com o apoio do governo brasileiro, recebeu cerca de 100 mil italianos que buscavam melhores condições de vida e iam com suas famílias, já que a Itália incentivava a migração para outros países, pois sofria um período de crise, resultado da unificação política e do avanço do capitalismo e a conseqüente industrialização. As promessas da posse de terra pelo governo brasileiro, dentre outras vantagens, fascinaram os italianos, que

sonhavam com o sucesso econômico através do seu trabalho. Conforme Maestri (1939), graças ao seu braço forte, o colono soube derrubar a mata cerrada e afugentar os animais ferozes, e, não satisfeito com isso, foi com seu trabalho, construindo estradas, levantando casas, abrindo escolas e erguendo igrejas. Com o intuito de suprir suas necessidades básicas, o colono plantava para obter os gêneros necessários para sua subsistência. O pinhão da Araucária, árvore nativa, foi seu primeiro alimento. O milho e o trigo também faziam parte do sistema de policultura, mas o que caracterizou a colonização italiana na região foi o cultivo da uva e a produção do vinho. A imagem dos parreirais é típica da região serrana do estado.



Figura 1: Parreiral. Fonte: Arquivo da autora.

As folhas dos parreirais dão um colorido único para a região.



Figura 2: Folha de parreira. Fonte: Arquivo da autora

As grimpas da Araucária que caem e se espalham, têm um tom amarelo queimado, principalmente no outono.



Figura3: Grimpas de Araucária. Fonte: Arquivo da autora

Bacelos de uvas da espécie Isabel foram levadas da Itália para a região. O clima local favorecia o crescimento das videiras que viriam a ser o principal produto comercializado.



Figura 4: Parreiral de espécie Isabel. Fonte: Arquivo da autora

Por volta de 1890 a vitivinicultura, que era uma atividade familiar, tomou força, e os vinhos da região começaram a ser comercializados em todo o estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente, levados para todo o país. O vinho foi um elemento importante de incentivo para que o colonizador fixasse raízes naquela região.

Os balaios feitos com cipó eram utilizados para armazenar a uva colhida dos parreirais. A cestaria, era útil nas colheitas. Surgia assim, uma nova atividade: o artesanato. Segundo Singer (Singer, 1977), no período em que as colônias desenvolveram uma produção de subsistência, com a venda de excedentes, surgiu em cada uma delas um próspero artesanato que se dedicava à satisfação das necessidades de consumo de seus habitantes.

Também foi utilizado para complementar a renda familiar e para despertar as atividades mercantis e industriais.

Cestos reforçados, tramados com vime e taquara, chapéus e bolsas pequenas “sportas” feitas com a “dressa”, trança da palha do trigo, cadeiras com a palha torcida, eram os principais artigos produzidos.

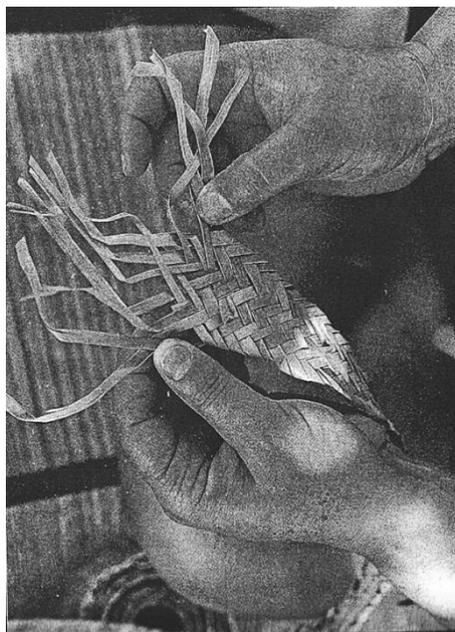


Figura 5: Confeção da trança de palha “dressa” utilizada para fabricação de chapéus e bolsas. Fonte: Arte Têxtil no Rio Grande do Sul. (ZATTERA, 1988).



Figura 6: Bolsas de palha de trigo. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 7: Cesto tramado de vime. Fonte: Arquivo da autora

O artesanato com fios, mais delicado e decorativo, foi surgindo da necessidade de produtos para a casa e também para o vestuário. Era feito geralmente pelas mulheres. Numa cultura em que o homem era dono do poder de decisão, e às mulheres cabia a obediência e resignação, além dos afazeres domésticos, a lida com os animais e o cuidado com as crianças, os trabalhos manuais eram uma espécie de libertação da criatividade e do pensamento. Conforme Zattera (2011, p.47), nos trabalhos femininos de agulha, eram utilizados fios e tecidos rústicos naturais. Os tecidos de algodão que embalavam o açúcar e o sal, depois de alvejados, eram a matéria prima para a confecção de toalhas e lençóis, e enfeitados com rendas e alguns bordados. Das técnicas típicas, os bordados eram muito valorizados, sendo que as meninas, a partir de 6, 7 anos de idade, já aprendiam a bordar para demonstrar suas habilidades manuais. Os pontos crivo, cruz, cheio, contínuo, eram os mais utilizados. Entre as rendas, eram utilizadas as técnicas de crochê, que foi a arte manual feminina mais significativa da região, macramê, a renda filé, frivolité e nhanduti. O tricô também era técnica muito utilizada.



Figura 8: Bordado em ponto cheio e técnica de renda macramé.
Fonte: Figurinos de Vindima. Zattera (2011).

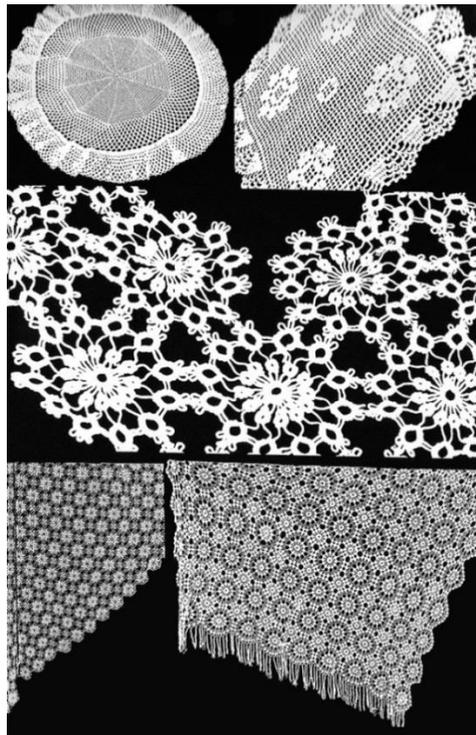


Figura 9: Toalhas, trilhas e guardanapos em renda crochê, filé, e frivolitê.
Fonte: Figurinos de Vindima. Zattera (2011).

As técnicas artesanais utilizadas para suprir as necessidades do lar, começaram a ser utilizadas também para a confecção do vestuário, e sem dúvida, fazem parte da bagagem cultural levadas pelos colonizadores da Itália para o Brasil, que sobreviveram à passagem do tempo. A moda da Itália foi levada para o Brasil, e durante muito tempo, sem sofrer interferências da moda dos brasileiros. Da mesma forma, com o uso de acessórios, como a sombrinha, o brinco de argola, o broche, o lenço usado na cabeça, o xales sobre os ombros, o escapulário no pescoço ou o terço na mão, representando a forte religiosidade. As mulheres demoraram a adotar novos estilos de roupas, pois sentiam-se mais seguras permanecendo com aquilo que já era usado. Na Itália havia a cultura do linho, e os colonizadores, ao chegarem no sul do Brasil, plantaram linho para fazer fio de roupa, o que logo caiu em desuso devido à forte presença do algodão do estado de São Paulo. Suas vestes de algodão eram feitas em casa, e basicamente serviam para o trabalho diário, trocando apenas pela roupa “domingueira”, que era a mais nova, e utilizada para ir às missas e encontros religiosos nos momentos de folga e finais de semana. As mulheres vestiam basicamente a blusa larga chamada de bata e saia longa, com um avental, peça característica das mulheres italianas. Conforme Zattera (2011, p.313), o avental, “*grambiule*”, foi identificador das mulheres de descendência italiana. Trazido da Itália, permaneceu como característica das colonas e vindimeiras regionais. A roupa de modo geral devia ser prática, para a realização dos serviços domésticos. Já o avental domingueiro era mais elaborado, geralmente decorado com rendas e bordados. A seguir algumas imagens do vestuário típico dos colonizadores da região. Os homens usavam calças e camisas costuradas pelas mulheres, primeiramente de linho, que após foi substituído pelo algodão resistente ou brim. Em ocasiões festivas como o matrimônio, usavam as “*fatiotas*”, espécie de terno. Técnicas artesanais como o crochê, o macramê, o tricô, e os mais diversos bordados, foram utilizados no vestuário, agregando beleza a peças como vestidos, blusas, saias, casacos, saias, enxovais de bebês. Nos dias atuais, são ainda utilizadas e valorizadas por serem peças únicas e *handmade*, o que garante exclusividade. Estilistas da região resgatam as técnicas dos colonizadores para criar peças autorais que se destacaram recentemente na mídia brasileira.



Figura 10: Jovem com saia e blusa, avental e sombrinha. Fonte: Trajes do imigrante italiano do Rio Grande do Sul, Zattera, 1991.

Outro setor que evidencia o trabalho do colonizador italiano, e que tem características peculiares é a arquitetura. Classificada como popular, pois não haviam arquitetos, tem na sua simplicidade, detalhes decorativos que encantam e inspiram. Os italianos, ao chegarem no Sul do Brasil, tinham a esperança de organizar sua família, evoluir, contribuir com seu trabalho para a formação de uma nova cultura. As primeiras casas foram construídas de tábuas rachadas e após, serradas manualmente. O pinus da Araucária era abundante na região. Eles sempre utilizavam os materiais existentes com muita criatividade na busca de soluções. Havia também, as casas de pedras irregulares e mistas, sendo o porão de pedras, a parte superior de tijolos caseiros e o interior de madeira. Como descrevem De Boni e Costa (1984,p.142), a pintura das casas evoluiu com a arquitetura. No início, elas conservavam a cor natural de seus materiais, mas após um tempo, começou-se a caiçação, pintura de cal derretido em água, com cola extraída de uma variedade de cactos abundante em toda a região colonizada. O emprego do

barro para o juntamento de tijolos está ainda em uso, pois resiste ao tempo. Uma característica das residências, era a construção da cozinha separada do resto da casa. Como utilizavam o “*fogolaro*” que era uma espécie de fogão no chão utilizado para cozinhar, eles tinham medo de incêndio, e neste caso, o resto da casa ficaria protegido. O porão era feito geralmente de pedras, pois mantém a umidade e assim, conservaria melhor os alimentos ali depositados: as uvas colhidas, os vinhos, a carne, os salames e queijos feitos por eles. Na parte superior, havia a cozinha e os dormitórios. A casa de banho geralmente ficava atrás da casa. Em cima, ficava o sótão, que era utilizado como depósito de grãos como o milho. A cozinha era a peça principal da casa, pois era ali que a família se reunia para celebrar o alimento, em torno da mesa, e festejava suas conquistas na nova terra.

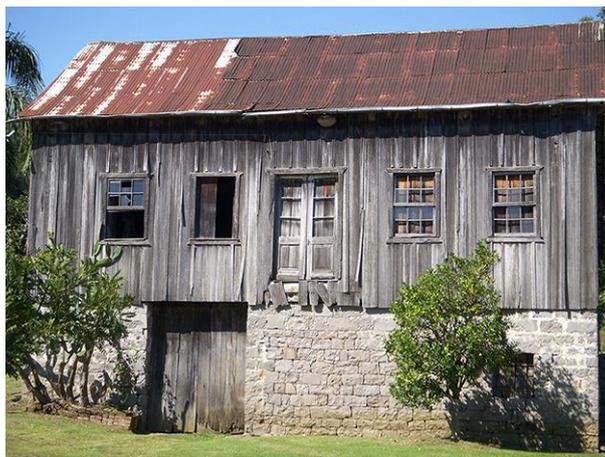


Figura 12: Casa de madeira com porão de pedras típica da região. Fonte: Arquivo da autora.

Segundo Pozenato e Ribeiro (2004), a ornamentação da arquitetura dos colonizadores teve sua maior expressão no uso da madeira serrada à mão para a feitura de lambrequins, que são detalhes decorativos que enfeitavam os beirais das casas e que inicialmente eram mais simples, mas foram ganhando arrojo num crescente rendilhamento.



Figura 13: Casa de madeira decorada por lambrequins. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 14: Detalhe decorativo em casa de madeira. Fonte: Arquivo da autora.

A mesma técnica foi utilizada para compor os guarda-corpos ou balaústres dos balcões. Há ainda na região, exemplares exuberantes que deixaram a marca desta cultura.

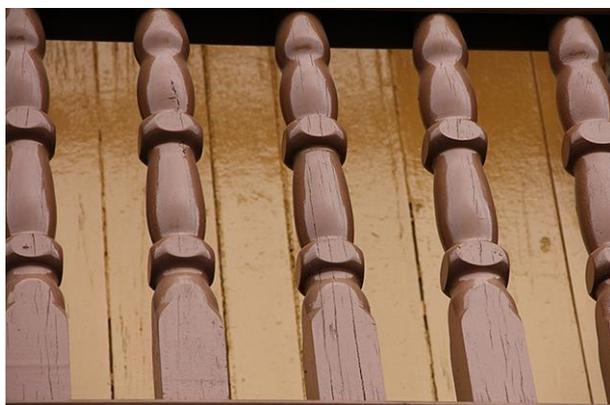


Figura 15: Balaústre decorativo em madeira. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 16: Balaústre de madeira. Fonte: Arquivo da autora

A cidade de Antônio Prado (RS), foi a última colônia italiana criada pelo governo imperial. A cidade tem o maior e mais completo conjunto arquitetônico da colonização italiana no Brasil, com 48 imóveis do centro urbano tombados pelo patrimônio histórico desde a década de 1980. As casas de Antônio Prado, têm nos lambrequins, um símbolo da região. A cultura italiana na região tem nas referências visuais uma importante beleza estética. Com motivação nesta observação, e com base em pesquisa exploratória e bibliográfica seguida de registros fotográficos, imagens foram captadas e selecionadas para traduzir visualmente o que representa a herança deixada pelos italianos, e transformadas em uma coleção de estampas. Estamparia com base fotográfica e trabalhada em softwares, como pode-se ver a seguir.

ESTAMPAS COM BASES FOTOGRÁFICAS

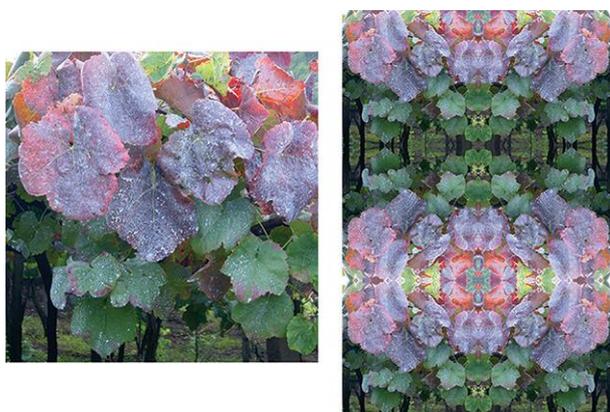


Figura 17: Estampa criada a partir de fotografia de folhas de parreiras. Fonte: Arquivo da autora



Figura 18: Estampa criada a partir de fotografia de parreiral visto de cima. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 19: Estampa criada a partir de fotografia de arbusto da região. Fonte: Arquivo da autora.

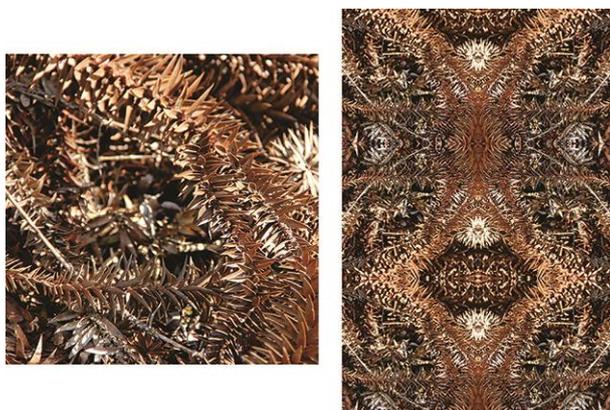


Figura 20: Estampa criada a partir de fotografia de grimpas de Araucária. Fonte: Arquivo da autora.

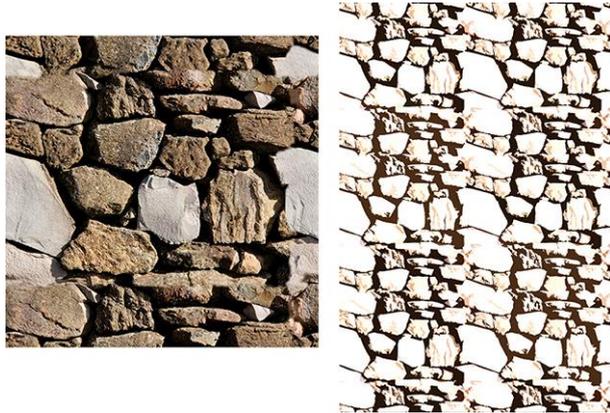


Figura 21: Estampa criada a partir de fotografia de porão de pedras. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 22: Estampa criada a partir de artesanato em palha de trigo. Fonte: Arquivo da autora.

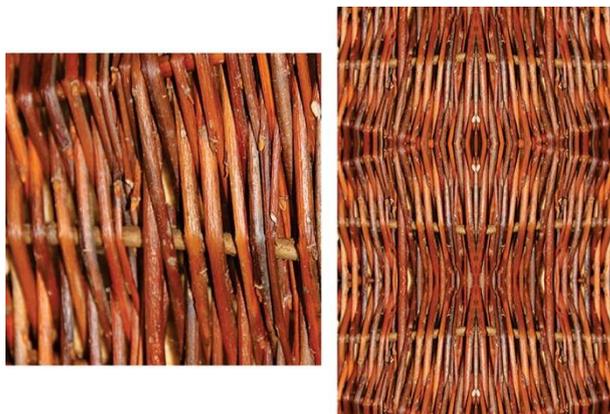


Figura 23: Estampa criada a partir de artesanato em vime. Fonte: Arquivo da autora.

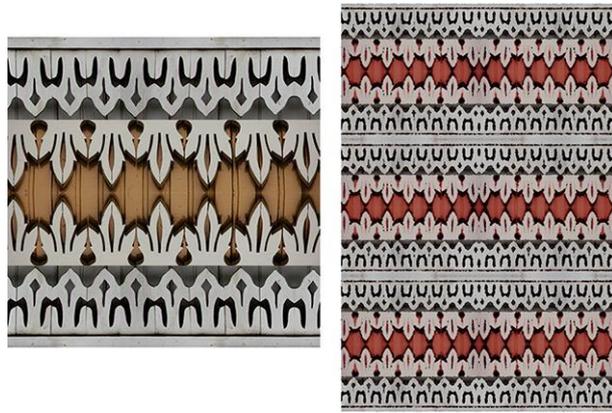


Figura 24: Estampa criada a partir de fotografias da arquitetura. Fonte: Arquivo da autora.



Figura 25: Estampa criada a partir de fotografia da arquitetura. Fonte: Arquivo da autora.

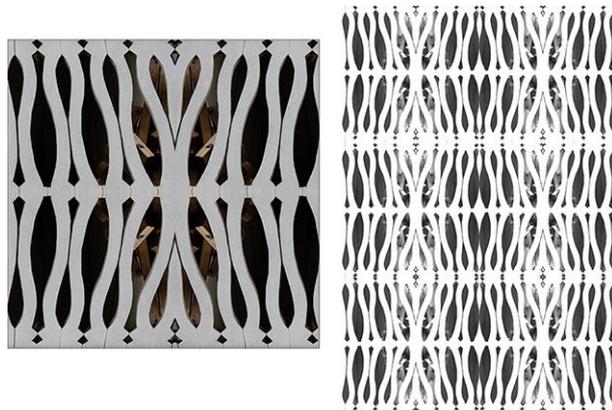


Figura 26: Estampa criada a partir de fotografia da arquitetura. Fonte: Arquivo da autora.

A seguir a visualização das estampas em sugestão de aplicação:



Figura 27: Sugestão - Vestido longo e fluido



Figura 28: Sugestão – Maiô de praia.



Figura 29: Sugestão – Camisa feminina.



Figura30: Sugestão – Saia feminina



Figura 31: Sugestão – Vestido feminino



Figura 32: Sugestão – Blazer feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os colonizadores italianos, mesmo levando ao Brasil referências da Itália, criaram na região Nordeste do estado do Rio Grande do Sul uma identidade própria, influenciada pelo novo ambiente e pelas outras etnias que lá habitavam. Exemplo disso é o dialeto “*Talian*”, que é uma língua própria falada ainda nos dias atuais, principalmente nas cidades interioranas. As primeiras plantações da uva de espécie Isabel transformaram a vitivinicultura em um forte setor da economia regional, sendo responsável por 90% da produção de vinhos no Brasil. A Festa Nacional da Uva, que ocorre a cada dois anos, enaltece a história da colonização e movimenta a região economicamente. Muitos hábitos também se mantêm vivos, apesar da força do tempo, e vão muito além do patrimônio histórico: as refeições junto da família e a importância do alimento, a cozinha como peça principal nos projetos arquitetônicos, sendo um local de convivência familiar, a roupa especial para ser usada nos domingos e ir à igreja, o espírito empreendedor e associativista criando associações de trabalho, e exemplo disso é o artesanato local que serve de sustento para muitas famílias além de preservar a tradição. O ato de tecer valoriza o artesão que muitas vezes se encontra fora do mercado formal de trabalho. Apesar do processo da globalização que se dissipou nos quatro cantos do mundo, mudando comportamentos e hábitos de consumo, a inspiração das técnicas artesanais está presente na valorização do *handmade*, muito difundido no universo da moda. Uma alternativa aos commodities do vestuário e ao *fast fashion*, se destina a um público que deseja exclusividade e diferenciação. Sem dúvida, trata-se de peças com alto valor agregado. Novos estilistas utilizam estas técnicas para preencher um nicho de mercado que só cresce no Brasil. Nomes como Vanessa Montoro, Natalia Rios, Martha Medeiros, se destacam no cenário nacional como ícones do *handmade*. As técnicas artesanais também são muito utilizadas na confecção de roupas para bebês e decoração para a casa. O espírito de luta e a garra do colonizador italiano transformaram o Nordeste do estado do Rio Grande do Sul numa região próspera e industrializada, de características peculiares, aonde as tradições culturais e os hábitos passam de geração para geração. Sabe-se que a pesquisa é imprescindível para um criador, pois é por meio dela que se

obterá as informações necessárias para o desenvolvimento de uma coleção. Ela deve ser rica e detalhada. Aprender a observar, refinar o olhar estético, deve se tornar rotina para um criador, pois as fontes de inspiração se encontram em muitos lugares. Neste caso, a riqueza estética do legado da colonização e a constatação de que esta cultura permanece viva serviu como motivação para a captação de imagens posteriormente traduzidas na criação da coleção de estampas, que atualmente são uma forte tendência no mercado da moda e decoração de interiores, porque dá identidade a uma marca, e pontua exclusividade e diferenciação.

REFERÊNCIAS

DE BONI, L. & COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre e Caxias do Sul, RS, EST-Correio Riograndense - EDUCS, 1984.

MAESTRI, Ludovico. **Lealdade**, Curitiba: [s.n.], 1939.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (org.). **Cultura, Imigração e Memória: Percursos e Horizontes**, Caxias do Sul, RS, EDUCS, 2004.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**, São Paulo, SP, Nacional, 1977.

ZATTERA, Vera Stedile. **Figurinos de Vindima**, Caxias do Sul, RS, VBS, 2011.

ZATTERA, Vera Stedile. **Arte têxtil no Rio Grande do Sul**, Caxias do Sul, RS, São Miguel, 1988.

ZATTERA, Vera Stedile. **Trajes do imigrante italiano do Rio Grande do Sul**, Caxias do Sul, RS, VBS, 1991.